



Fotos Arquivo/DN



Prestes no Conselho Especial da Justiça Militar, onde foi julgado como desertor do Exército

Instalada em março de 1934, a Aliança Nacional Libertadora era uma frente ampla, cuja principal força era constituída pelos tenentes dissidentes da Revolução de 30, inconformados com os rumos tomados e que ainda reconheciam em Prestes o seu líder e comandante. Seu presidente era o capitão da marinha Hercolino Cascardo, revolucionário de 30, democrata de esquerda e interventor federal no Rio Grande do Norte de julho de 1931 a julho de 1932. Oito dos dezessete membros do Diretório Nacional eram militares. O Partido Comunista do Brasil somente a ela aderiu após a decisão da Internacional Comunista de recomendar aos seus partidos filiados, a política de frente popular. Antes disso porém, muitos "tenentes" comunistas haviam aderido. A chegada de Prestes ao Brasil, seu apoio à ANL - Aliança Nacional Libertadora, e sua escolha para presidente de

honra incendiaram o tenentismo, aumentou a adesão ao movimento e produziu uma seqüência de assembléias e manifestações populares, que culminaram com os grandes comícios do dia 5 de julho em São Paulo e no Rio de Janeiro. Neste, o estudante Carlos Lacerda leu o manifesto de Prestes, sectário e provocativo, que ao final proclamava: "abaixo o fascismo, por um Governo Popular Nacional Revolucionário, todo o poder à ANL". Seis dias depois, o governo publicou o decreto de fechamento da ANL e a prisão de numerosos oficiais aliancistas. Esses atos, embora não justificassem, influenciaram decisivamente a eclosão dos levantes de novembro.

Compreensivelmente, desde a adesão de Prestes ao marxismo-leninismo em 1929, o Partido Comunista o rejeitava, em parte pelo radicalismo da linha "obreirista" que afastou da direção os intelectuais, substituídos por qua-

dros oriundos do operariado. Alegando sua origem pequeno-burguesa e seu personalismo, na realidade temiam que seu prestígio popular se sobrepujasse ao partido e faziam forte oposição ao que então se denominava "prestismo". Seu ingresso no PCB somente ocorreu por imposição da Internacional Comunista, na ocasião da ida dos integrantes do Comitê Central a Moscou, para participar do VII Congresso da IC - Internacional Comunista, em outubro de 1934. Nessa ocasião foi também decidida a volta de Prestes ao Brasil e a preparação para instalação, no Rio de Janeiro, do Bureau Sul-América da IC, que seria transferido de Buenos Aires, para o qual, a pedido do Comitê Central, foram destacados cinco quadros da organização com funções de assessoramento, entre eles, Olga Benário e Arthur Ernst Ewent, o "Harry Berger", ambos alemães. No primeiro semestre de 1934 assume o cargo de Secretário Geral do PCB, Antônio Maciel Bonfim, o Miranda, um professor primário do interior da Bahia, que ascendeu graças à política "obreirista" do partido e seu reconhecido poder de envolvimento, inclusive dos membros da Internacional. Seus relatórios, tanto para Moscou como para o CC - Comitê Central, em tom triunfalista, alegavam que o país estava pronto para a revolução socialista, com intensa mobilização no campo (o que era uma fantasia), nos sindicatos (um exagero) e no meio militar. Prestes, afastado da realidade brasileira devido a dez anos de lutas, exílio e clandestinidade, dotado de uma personalidade destituída de sentido pragmático e de oportunidade, fatalmente entregou-se aos mesmos devaneios.

A partir de julho de 1935, fechado o único canal de atuação política legal, a ANL - Aliança Nacional Libertadora, os tenentes aliancistas e comunistas recomeçaram a prática do esporte preferido de sua geração há treze anos: a conspiração. E a preparação daquilo que sua formação autocrática entendia como a forma mais justa de tomar o poder para realizar as reformas que julgavam necessárias para o país: o levante, o golpe, o "putsch". Em várias guarnições do país, mas, principalmente, no Rio de Janeiro, em Recife, Maceió, João Pessoa, Natal, Belém e Manaus, articulavam-se oficiais, sargentos e cabos para um movimento militar que não se sabia quando ou onde começaria, mas para o qual todos tinham uma certeza: o comandante seria Luiz Carlos Prestes.



Bancada do Partido Comunista, em 1947, com Prestes (1) no Senado e Jorge Amado (13), na Câmara